

SAÚDE MENTAL

Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento
e Cuidado na Sociedade Moderna

Edição XXVI

Capítulo 3

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA: A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E OS DESAFIOS DA IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

MONICA FIGUEIREDO DA SILVA BORGES¹

¹*Discente - Psicologia da Faculdade Inspirar*

Palavras-Chave: Adolescência; Construção da Identidade; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcante na trajetória humana, caracterizado por transformações intensas no plano físico, psicológico e social. Trata-se de uma fase em que o indivíduo se distancia da infância e começa a construir uma identidade própria, experimentando novos papéis sociais, questionando normas estabelecidas e buscando sentido e pertencimento. Mais do que uma etapa de desenvolvimento biológico, a adolescência é um fenômeno histórico e culturalmente situado, influenciado por múltiplos fatores que moldam o modo como o sujeito se vê e é visto no mundo.

Nas últimas décadas, o cenário sociocultural em que os adolescentes estão inseridos passou por mudanças significativas, impulsionadas principalmente pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação. As redes sociais digitais, que se tornaram parte central da vida cotidiana, especialmente entre os jovens, vêm reconfigurando as formas de sociabilidade, expressão, visibilidade e reconhecimento. Plataformas como *Instagram*, *TikTok*, *YouTube* e outras deixaram de ser apenas espaços de entretenimento para se tornarem ambientes onde a identidade é construída, performada, negociada e validada publicamente.

Paralelamente, questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual vêm ganhando maior visibilidade e debate social. A emergência de movimentos sociais ligados à diversidade sexual e de gênero, a ampliação de direitos e a desconstrução de modelos normativos vêm permitindo que adolescentes expressem suas subjetividades de formas cada vez mais plurais. No entanto, esse processo também é marcado por tensões, resistências e conflitos, sobretudo quando essas identidades não se enquadram nos padrões sociais tradicionais.

Diante desse contexto, a construção da identidade na adolescência tornou-se um fenômeno ainda mais complexo e desafiador. O que antes se dava predominantemente nas interações presenciais e nos espaços físicos, como família, escola e grupos de pares, agora se estende aos ambientes virtuais, que operam com lógicas próprias de visibilidade, validação e exclusão. Ao mesmo tempo, adolescentes que vivenciam experiências de gênero e sexualidade diferentes das normas tradicionais enfrentam o desafio de se afirmar em uma sociedade que ainda lida com preconceito, estigmas e discursos normativos sobre o que é considerado “aceitável”.

Nesse cenário, compreender como os adolescentes constroem sua identidade frente às novas configurações digitais e às questões de gênero e sexualidade é uma tarefa urgente e relevante, tanto para o campo da psicologia quanto para as áreas da educação, saúde e políticas públicas. Essa investigação se justifica pela necessidade de aprofundar o entendimento sobre os processos subjetivos envolvidos na adolescência contemporânea, bem como por seu potencial de contribuir para práticas mais inclusivas, acolhedoras e comprometidas com a diversidade.

O presente artigo tem como objetivo analisar, à luz de uma revisão integrativa de literatura, de que forma as redes sociais e as questões relativas à identidade de gênero e orientação sexual influenciam a construção da identidade na adolescência. Para isso, serão considerados os aspectos positivos e negativos dessas influências, os desafios enfrentados pelos adolescentes, bem como os potenciais emancipatórios presentes nos ambientes digitais e nos discursos de diversidade que circulam na sociedade atual.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção da identidade na adolescência é uma das temáticas mais discutidas na psicologia do desenvolvimento, sociologia, educação e

nos estudos de gênero e comunicação. Trata-se de um processo contínuo, intersubjetivo e relacional, que se intensifica entre os 12 e os 18 anos de idade, quando o indivíduo passa a buscar sentido para sua existência, diferenciar-se dos outros e construir um projeto de si. Nesse sentido, identidade não é uma essência, mas uma produção discursiva, situada historicamente e influenciada pelas relações sociais, pela cultura e pelas tecnologias disponíveis.

Autores clássicos como Erik Erikson (1968) identificaram a adolescência como o estágio de crise psicossocial denominado identidade versus confusão de papéis, momento crucial em que o sujeito busca consolidar sua identidade pessoal. Nessa fase, o indivíduo integra experiências passadas com aspirações futuras, construindo um senso de continuidade e coerência do self. Embora desenvolvida em outro contexto histórico, essa visão permanece relevante para compreender a complexidade da adolescência. Papalia e Feldman (2013) reforçam essa compreensão ao destacar que os adolescentes exploram valores, crenças e papéis sociais que irão orientar sua trajetória na vida adulta. Esse processo pode ser facilitado ou dificultado por fatores como o suporte familiar, as relações interpessoais e os modelos culturais disponíveis.

Com o avanço das teorias pós-modernas e construcionistas, essa noção de identidade passou a ser revisada. Segundo Kenneth Gergen (1996), o self não é um núcleo interior estável, mas uma construção narrativa produzida no diálogo com os outros. A identidade é, portanto, algo que se narra, que se conta e que se negocia, sobretudo em contextos de pluralidade cultural e interações mediadas tecnologicamente.

A partir dessa concepção, a identidade dos adolescentes contemporâneos é profundamente impactada pelas novas formas de comunicação e exposição, especialmente pelas redes sociais

digitais. Essas plataformas operam como arenas de performance, onde os sujeitos apresentam versões de si que desejam destacar, mas que também são submetidas ao julgamento e à validação dos outros. Esse processo é potencializado pela lógica algorítmica das plataformas, que filtra visibilidade com base em curtidas, engajamento e padrões estéticos (FREITAS *et al.*, 2020; SOUZA *et al.*, 2022; PAZER, 2024).

Outro eixo relevante na construção identitária é o da identidade de gênero e orientação sexual. Teóricas como Judith Butler (2003) argumentam que o gênero não é uma essência biológica, mas uma repetição performativa de normas sociais. Assim, adolescentes que desafiam as normas heterocisnormativas precisam não apenas descobrir quem são, mas resistir às expectativas impostas pelo discurso dominante. Essa tensão entre autenticidade e aceitação está no centro dos conflitos identitários enfrentados por muitos jovens LGBTQIA+.

Ao mesmo tempo, autores como Stuart Hall (2006) propõem pensar a identidade como algo “em trânsito”, como uma construção nunca concluída, atravessada por rupturas, deslocamentos e reconfigurações. Essa ideia se aproxima do conceito de “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman (2001), que destaca a fluidez das relações e das referências sociais como característica do mundo contemporâneo. O adolescente atual está, portanto, imerso em um universo mutável, onde as certezas são escassas e a identidade torna-se um exercício constante de reinvenção.

Além das contribuições vindas das teorias sociológicas e filosóficas, é fundamental recorrer à perspectiva crítica-cultural, que entende a subjetividade como historicamente situada e moldada pelas condições concretas de vida. Nessa visão, a adolescência não é uma etapa vivida de forma uniforme, mas assume contornos diversos conforme classe social, gênero, raça,

território e acesso a recursos simbólicos e materiais. Como enfatiza Bock (2007), a adolescência deve ser compreendida como uma construção social que varia segundo o contexto histórico, os valores culturais e as condições econômicas, sendo vivida de formas múltiplas e desiguais.

Dessa forma, é possível apoiar-se em abordagens teóricas que compreendem a identidade como múltipla, fluida, relacional e situada. A adolescência se apresenta como uma fase de abertura e, simultaneamente, de vulnerabilidade, em que a exposição aos discursos midiáticos, aos julgamentos sociais e à constante busca por pertencimento molda intensamente a experiência subjetiva. A articulação entre os conceitos de identidade, gênero, sexualidade e redes sociais oferece uma base sólida para refletir criticamente sobre os desafios e possibilidades que atravessam a formação do self no mundo contemporâneo.

MÉTODO

Este estudo foi conduzido como uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de consolidar e analisar sistematicamente as evidências científicas sobre os impactos das redes sociais e das questões de gênero e orientação sexual na construção da identidade na adolescência. Esse tipo de abordagem permite integrar resultados de diferentes estudos, proporcionando uma visão ampla e crítica sobre o tema.

A partir da pergunta norteadora, “Como as redes sociais e os aspectos relacionados à identidade de gênero e orientação sexual influenciam a construção da identidade de adolescentes?”, fez-se uma busca por artigos em diversas bases científicas durante os primeiros meses de 2025, incluindo SciELO, LILACS, PePSIC, BVS-Psi, PubMed e *Google Scholar*, além da

plataforma Academia.edu como fonte complementar relevante para identificar estudos pre-print ou em acesso aberto.

As buscas utilizaram descritores e palavras-chave combinadas por operadores booleanos (*AND* e *OR*), tais como: “adolescência”, “identidade”, “formação da identidade”, “redes sociais”, “internet”, “gênero”, “orientação sexual”, “identidade de gênero”, “adolescentes LGBTQIA+”, bem como suas versões em inglês quando aplicável (“*adolescence*”, “*identity development*”, “*social media*”, “*gender identity*”, “*sexual orientation*”).

Foram considerados artigos com as seguintes características: publicados entre 2013 e 2024, disponíveis em português ou inglês, e que abordassem de forma direta a relação entre redes sociais, identidade, gênero ou sexualidade na adolescência, publicados em periódicos científicos revisados por pares ou divulgados com acesso aberto em plataformas acadêmicas confiáveis. Excluíram-se teses, dissertações, monografias, capítulos de livros, editoriais, resenhas, e estudos que tratassem exclusivamente de crianças, adultos, ou cujos objetos não envolvessem integralmente os elementos de identidade, adolescência e redes sociais ou gênero.

Ao aplicar esses critérios, os artigos encontrados passaram por triagem inicial por títulos e resumos, seguidos de leitura integral daqueles considerados relevantes. Os resultados do rastreamento foram documentados em uma tabela de fichamento contendo autor, ano, título, tipo de estudo, metodologia utilizada (empírica ou teórica) e principais conclusões. A análise qualitativa dos dados permitiu a formação de categorias temáticas emergentes que orientaram a apresentação e discussão dos resultados no artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados evidencia que a construção da identidade na adolescência é um processo dinâmico e multifacetado, atravessado por fatores sociais, culturais, emocionais e, cada vez mais, tecnológicos. Os resultados da revisão apontam para três grandes eixos que se entrelaçam na contemporaneidade: o impacto das redes sociais digitais, os desafios enfrentados por adolescentes na afirmação de sua identidade de gênero e orientação sexual, e a influência da mídia na construção da autoimagem e dos discursos sobre si.

As redes sociais têm se consolidado como um dos principais cenários de formação identitária dos adolescentes. Plataformas como Instagram, TikTok e Facebook funcionam como arenas simbólicas onde os jovens constroem, performam e negociam suas identidades. Essas plataformas operam como “espelhos digitais” nos quais os adolescentes se observam e, ao mesmo tempo, são observados. A lógica da visibilidade e da validação social, mediada por curtidas, comentários e seguidores, pode favorecer o sentimento de pertencimento, mas também gerar insegurança, angústia e crises de identidade diante da comparação constante com padrões idealizados.

Essa ambivalência é evidenciada por Souza *et al.* (2024), que apontam como os padrões de beleza disseminados pela mídia são rapidamente absorvidos pelos adolescentes, muitas vezes em função de uma imaturidade emocional que os torna mais vulneráveis à influência externa. Essa internalização impacta especialmente meninas, gerando insatisfação corporal e dificultando a construção de um self autêntico. Conforme destacam Souza *et al.* (2022), a lógica de validação presente nas redes sociais favorece a comparação constante com padrões estéticos idealizados, contribuindo para uma percepção

distorcida de si. Essa exposição recorrente, segundo Freitas *et al.* (2020), pode provocar sentimentos de inadequação e comprometer o bem-estar emocional dos adolescentes. Nesse sentido, Pazer (2024) complementa que o uso frequente das mídias sociais leva os jovens a moldarem suas identidades com base em *feedbacks* digitais, o que fragiliza a formação de uma autoimagem coesa em fases críticas do desenvolvimento.

Entretanto, não se pode ignorar que esses mesmos espaços digitais também se apresentam como ambientes de descoberta, reconhecimento e afirmação para adolescentes cujas experiências de gênero e sexualidade desafiam os modelos normativos. As redes sociais, ao possibilitarem a autoexpressão e a criação de perfis personalizados, oferecem aos adolescentes um espaço fértil para manifestar pensamentos, sentimentos e construir narrativas sobre si. Como destaca Neto *et al.* (2019), esses ambientes favorecem o desenvolvimento da identidade juvenil ao permitirem trocas simbólicas, visibilidade e pertencimento, funcionando como espaços de construção subjetiva especialmente importantes para aqueles que, muitas vezes, não encontram acolhimento nos contextos familiares ou escolares.

No entanto, essa liberdade de expressão nas redes não está isenta de riscos. A visibilidade digital pode ser acompanhada de exposição a discursos de ódio, *cyberbullying* e violência simbólica. Barros & Fulgencio (2023), ao discutir os impactos das mídias digitais sobre crianças e adolescentes, destacam que o ambiente virtual pode expor os jovens a conteúdos prejudiciais, como discriminação, racismo, incentivo à automutilação e apologia ao uso de drogas. Essa vulnerabilidade é ainda mais crítica quando se trata de meninas adolescentes, frequentemente alvo de hipersexualização e práticas de violência simbólica, como mostram Melo *et al.*

(2023), ao analisarem os impactos da exposição sexual de meninas nas mídias digitais e seus efeitos psicológicos, sociais e institucionais. Além disso, estudos apontam que a internet tem se tornado um espaço onde adolescentes exploram e constroem suas percepções sobre sexualidade, muitas vezes baseadas em informações descontextualizadas e representações simplificadas, o que pode contribuir para visões distorcidas sobre o próprio corpo, relações e práticas sexuais, conforme Santos *et al.* (2021). Nesse cenário, a internet revela-se um espaço paradoxal: ao mesmo tempo em que oferece liberdade e possibilidades de expressão, exige dos adolescentes resiliência para lidar com hostilidades e pressões sociais que afetam diretamente sua saúde emocional e autoestima.

No campo da identidade de gênero, os estudos analisados revelam que o processo de reconhecimento é influenciado por discursos diversos, provenientes da família, da escola, da mídia e das próprias experiências pessoais. Como aponta Oliveira *et al.* (2017), as representações de gênero veiculadas pela mídia impactam diretamente a forma como crianças e adolescentes constroem seu próprio senso de identidade, podendo tanto reforçar estereótipos quanto abrir espaço para novas possibilidades de ser. Quando esses discursos são contraditórios ou opressores, podem gerar sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico. A mídia digital, nesse contexto, atua como mais uma camada de influência, capaz de repetir normas sociais limitantes ou, em contrapartida, promover narrativas inclusivas que ampliam a diversidade de expressões de gênero e sexualidade. Segundo Silva *et al.* (2021), o estigma e a discriminação voltados à diversidade sexual atuam como barreiras invisíveis que comprometem não apenas a saúde mental dos adolescentes, mas também sua liberdade de expressão e pertencimento nos

espaços sociais, escolares e familiares, provocando efeitos duradouros em sua constituição subjetiva.

Além disso, é fundamental reconhecer que a construção da sexualidade na adolescência é atravessada por múltiplas camadas de influência, incluindo gênero, vínculos sociais, cultura e padrões normativos transmitidos historicamente. Como ressaltam Amaral *et al.* (2017), essa construção é processual e se inicia desde o nascimento, sendo na adolescência intensamente influenciada pela escola, família e ambientes coletivos. Os adolescentes refletem, em suas percepções e comportamentos, os padrões e normas socialmente instituídos, o que pode limitar a expressão de suas subjetividades quando não há espaço para diálogo e desconstrução. Isso reforça a importância de ampliar os debates sobre gênero e sexualidade de forma crítica e sem preconceitos, criando ambientes seguros para que os jovens desenvolvam sua identidade de forma saudável e autêntica. Além disso, estudos como o de Gräf, Mesenburg e Fassa (2020) evidenciam que a falta de acesso a informações adequadas e a contextos de vulnerabilidade social estão associados a comportamentos sexuais de risco entre jovens, o que torna ainda mais urgente o desenvolvimento de ações educativas e preventivas baseadas em evidências e voltadas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Autores como Pinto *et al.* (2021) também demonstram que o uso das redes é atravessado por padrões de gênero, enquanto meninos tendem a usá-las de forma mais instrumental, meninas se utilizam desses espaços como meios de autoexpressão, sociabilidade e validação. Essa diferenciação revela como as redes, mesmo em sua aparente neutralidade, reproduzem papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos gêneros.

Sob uma perspectiva construcionista e sistêmica, Barros & Fulgencio (2023) afirmam

que a identidade é construída nas relações e está em constante transformação, sendo atravessada pelas interações que os sujeitos estabelecem ao longo da vida. Nessa linha, as redes sociais não apenas refletem identidades prontas, mas atuam como espaços ativos na elaboração subjetiva, oferecendo linguagens, repertórios e sentidos que os adolescentes utilizam para construir e narrar suas histórias.

Além do ambiente virtual, é fundamental destacar que a rede social de convivência cotidiana exerce papel decisivo na construção da identidade e bem-estar emocional de crianças e adolescentes, especialmente quando há apoio consistente por parte dos responsáveis. No caso de adolescentes trans, por exemplo, a figura materna frequentemente se apresenta como o principal suporte, assumindo protagonismo nas decisões, no acolhimento e na mediação com os demais membros da rede familiar e comunitária. Como mostram Abreu *et al.* (2024), os vínculos fortes geralmente se manifestam por meio de posicionamentos afirmativos dos responsáveis, refletindo diretamente no fortalecimento das relações sociais e na segurança subjetiva dos filhos. Nessa perspectiva, é imprescindível compreender que o contexto social em que o adolescente está inserido exerce forte influência sobre sua saúde mental e seu desenvolvimento integral, sendo os vínculos afetivos e o suporte das redes próximas fatores de proteção fundamentais (Melo *et al.*, 2023).

Diante desse cenário, torna-se evidente que os processos identitários da adolescência contemporânea não podem ser compreendidos isoladamente. Eles são moldados por um ecossistema de interações sociais, tecnológicas e afetivas que exigem atenção crítica e sensibilidade ética. É urgente que família, escola e profissionais da saúde mental atuem não como censores

ou controladores, mas como mediadores atentos e empáticos, capazes de acolher as múltiplas expressões identitárias dos adolescentes.

A psicologia, nesse contexto, tem papel fundamental ao oferecer espaços de escuta e fortalecimento subjetivo. É preciso reconhecer que a identidade não é um ponto de chegada, mas um percurso em constante movimento. Permitir que os adolescentes vivenciem esse percurso com liberdade, segurança e pertencimento é um dos maiores desafios, e também uma das mais importantes tarefas de nossa sociedade.

CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa de literatura permitiu compreender que a construção da identidade na adolescência, em sua complexidade e singularidade, está profundamente atravessada por fatores contemporâneos como o uso intenso das redes sociais digitais e os processos de afirmação de gênero e sexualidade em um contexto de crescentes disputas simbólicas. A adolescência deixou de ser apenas uma fase de transição entre infância e vida adulta, para se tornar um espaço de múltiplas possibilidades identitárias, mas também de desafios subjetivos e sociais cada vez mais intensos.

Os estudos analisados mostram que as redes sociais ocupam lugar central na experiência juvenil atual, funcionando como palco e espelho. Elas são espaços de performance do self, mas também de julgamento e comparação, de pertencimento e exclusão. Nesse ambiente, os adolescentes não apenas se comunicam, mas constroem narrativas sobre si, elaboram desejos, estabelecem vínculos e, muitas vezes, enfrentam sofrimentos ligados à busca por aceitação, à pressão estética e à validação constante.

Essas plataformas digitais também se revelaram fundamentais para a emergência de expe-

riências identitárias que desafiam padrões tradicionais, como ocorre com adolescentes que expressam diferentes vivências de gênero e sexualidade. Para muitos, as redes foram o primeiro espaço onde puderam se reconhecer, se nomear e se conectar com outros sujeitos que compartilham histórias semelhantes. Isso revela o potencial emancipatório da internet como ferramenta de visibilidade, acolhimento e construção de comunidade, sobretudo para quem carece de apoio em seus contextos familiares ou escolares.

No entanto, esse mesmo ambiente que oferece liberdade e pluralidade também carrega riscos consideráveis. Os discursos de ódio, o *cyberbullying* e a reprodução de estigmas podem gerar impactos emocionais profundos, especialmente quando não há suporte afetivo. A exposição excessiva, a dependência de validação externa e o contato precoce com conteúdos violentos ou normativos impõem novos dilemas à saúde mental e à formação do self.

Compreender a identidade na adolescência exige uma abordagem que ultrapasse os modelos tradicionais de desenvolvimento. É necessário adotar uma perspectiva relacional, histórica

e cultural, que considere as interações entre sujeito, discurso e tecnologia. Os adolescentes de hoje estão imersos em uma realidade complexa, onde o eu é construído em rede, influenciado por múltiplas vozes, narrativas e imagens.

Diante disso, destaca-se o papel da psicologia, da educação e das políticas públicas na criação de espaços seguros, de escuta ativa e de acolhimento à diversidade. Famílias, escolas e profissionais precisam estar atentos não apenas aos comportamentos dos adolescentes, mas às subjetividades que estão sendo formadas e aos contextos em que se desenvolvem.

A identidade, longe de ser algo estático ou previsível, é uma jornada contínua, marcada por rupturas, recomeços e reconstruções. Garantir que os adolescentes possam trilhar esse caminho com respeito, autonomia e cuidado deve ser uma prioridade de qualquer sociedade comprometida com o bem-estar das novas gerações. A partir dos achados desta revisão, torna-se evidente que o desafio é coletivo, compreender e sustentar a pluralidade dos modos de ser adolescente no mundo contemporâneo, em todas as suas potências, contradições e possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, P.D. *et al.* Rede social das pessoas responsáveis por crianças e adolescentes transgêneros. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 33, esp1, p. e2024290, 2024. doi: 10.1590/S2237-96222024v33e2024290.especial.pt.
- AMARAL, A.M.S. *et al.* Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 6, n. 1, p.62-67, 2017. doi: 10.17267/2317-3378rec.v6i1.1114.
- BARROS, C. F., & FULGENCIO, L. Visão sistêmica construcionista social e os usos de mídias digitais por crianças e jovens. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 32, n. 76, p. 19–31, 2023. <https://doi.org/10.38034/nps.v32i76.716>
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: ed: J. Zahar. 2001.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. 2, n. 1, p. 63–76), 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREITAS, A.B.A. *et al.* Impactos das redes sociais na autoestima dos adolescentes. *Revista Científica Eletrônica De Ciências Aplicadas Da Fait*, v. 9, n. 2, outubro 2020.
- GERGEN, K. J. Technology and the Self: From the Essential to the Sublime. In D. Grodin, & T. R. Lindlof (Eds.), *Constructing the Self in a Mediated World* (p. 127–140), 1996. Sage. <https://dx.doi.org/10.4135/9781483327488.n8>.
- GRÄF, D.D, Mesenburg MA, Fassa AG. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. *Revista Saúde Pública*, v. 54, p. 41, 2020. doi: <http://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001709>.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MELO, A.P.D. *et al.* A questão das meninas adolescentes vítimas de exposição sexual nas mídias digitais. *Revista Foco*, v. 16, n. 10, p. 01-12, 2023. doi: 10.54751/revistafoco.v16n10-118
- MELO, A.P.D. *et al.* Saúde mental do adolescente e a interferência do Contexto social em seu desenvolvimento. *Revista Foco*, v. 16, n. 7, p. 01-12, 2023. doi: 10.54751/revistafoco.v16n7-093
- NETO, A.P.S. *et al.* Identidade dos adolescentes e as redes sociais virtuais. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*. Icó-Ceará, v. 2, n. 3, p. 883 – 911, Set-Dez 2019.
- OLIVEIRA, T.M. *et al.* Gênero, mídia e educação: diálogos na infância e na pré-adolescência. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 3 N. 1 – p. 119-139, 2017.
- PAPALIA, D. E. *Desenvolvimento humano*. Tradução Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [*et al.*]. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- PAZER, S. The impact of social media use on identity formation among adolescents. *International Journal of Advance Research, Ideas and Innovations in Technology*, v.10, Issue 5 – v.1015-1307, 2024.
- PINTO, N.M.A. *et al.* O uso das redes sociais de uma perspectiva de gênero. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 32, n. 2, p.01-17, 2021. <https://doi.org/10.31423/oikos.v32i2.11233>
- SANTOS, G.S. *et al.* Representações sociais de adolescentes sobre sexualidade na internet. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, p. e20200488, 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/REEUSP-2020-0488>

SILVA, J.C.P. *et.al.* Sexual diversity: a perspective on the impact of stigma and discrimination on adolescence. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 26, n. 7, p. 2643-2652, 2021. doi: 10.1590/1413-81232021267.08332021

SOUZA, E.R. *et.al.* Mídias sociais: A influência das redes sociais na percepção da autoimagem de adolescentes do sexo feminino. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 8, p. e13311830459, 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30459>.

SOUZA, R.F. *et.al.* Redes sociais e os impactos na formação da identidade dos adolescentes. *Revista Sociedade Científica*, v. 7, n. 1, 2024. doi: 10.61411/rsc31879.